

## FRAGMENTOS DOS ESTUDOS SOBRE A NATUREZA EXISTENCIAL DO SER HUMANO: A CONTRIBUIÇÃO DE ROLLO MAY

Maria Bernadete Cerqueira\*

**RESUMO:** *O objetivo deste artigo é discutir, à luz das abordagens de Rollo May, alguns fragmentos sobre a natureza existencial do ser humano que, de uma forma extremamente interessante, faz-nos refletir sobre a consistência da vida, repensando o humanismo abrigado pela proteção da terra como morada do homem, numa consciente e providencial “visão de mundo”. Precisamos entender esta visão de mundo como o conjunto de representações, conceitos e valores, por cuja mediação os homens tecem sua inserção na vida. O que significa, então, a natureza existencial do ser humano? Essa questão importa a cada habitante do planeta e à qual cada ser humano está chamado a responder, não como uma resposta pronta e acabada, na tentativa de superar as turbulências dessa natureza, mas para, na busca daquilo que pode constituir-se na superação criadora do momento em que vivemos, encontrarmos a possibilidade de alcançar respostas num patamar mais alto de consciência.*

**Palavras-chave:** Ser humano; Natureza existencial; Superação criadora; Consciência; Fragmentos.

### INTRODUÇÃO

Na perspectiva de May<sup>1</sup> (2002, p.9), uma das poucas alegrias da vida, numa época de ansiedade, é o fato de sermos forçados a tomar consciência de nós mesmos. E quando, nesta fase de reversão de padrões e de valores, não temos certeza do que somos e do que devemos ser, segundo as palavras de Matthew Arnold, vemo-nos lançados à busca de nós mesmos.

Assim, o nosso objeto de estudo é o ser humano, a sua natureza existencial, de acordo com as concepções de Rollo May. Buscamos esclarecer e explicar, por meio da pesquisa bibliográfica realizada, alguns fragmentos dos estudos desse teórico.

Para May (2002, p.9), uma vez que o psicoterapeuta não possui respostas mágicas, a moderna psicologia lança sobre os motivos ocultos dos nossos pensamentos, sentimentos e ações uma nova luz que será, sem dúvida, de grande ajuda, na busca do próprio eu.

Trata-se, além dos conhecimentos técnicos e compreensão pessoal, da ciência que o psicoterapeuta adquire no contato com gente que luta para resolver seus problemas. Ele possui o privilégio extraordinário, embora às vezes penoso, de acompanhar as pessoas em sua luta íntima e profunda para alcançar uma nova integração (2002, p. 9).

Neste trabalho fica evidenciado, a partir do exposto, alguns pontos de reflexão, no que diz respeito aos dilemas, principais problemas internos e aos conflitos inerentes ao ser humano, em meio às exigências do mundo moderno e pós-moderno, salientando a perda de identidade pessoal e o enfrentamento destes problemas.

May (2002, p.56) consciente do nosso dilema de natureza existencial, afirma que as pessoas que perderam o senso de sua identidade tendem também a perder o senso de

---

\* Pedagoga Organizacional, Mestranda em Gestão Organizacional de Desenvolvimento Humano, Professora do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Católica do Salvador – UCSal. E-mail: [mariabcerqueira@ig.com.br](mailto:mariabcerqueira@ig.com.br).

<sup>1</sup> De origem americana, é professor, teólogo e psicanalista. Rollo May é um dos mais profundos estudiosos da alma humana. Aborda os temas mais essenciais à compreensão do homem moderno.

relacionamento com a natureza. São privadas não só da experiência da ligação orgânica com a natureza inanimada, tal como árvores e montanhas, como também de parte da capacidade para sentir empatia pela natureza animada, isto é, os animais.

Para entender as crises de natureza existencial, as pessoas, pelos conhecimentos adquiridos através dos tempos, na literatura, na filosofia e na ética, procuram compreender de que modo podem atribuir-lhes fins construtivos, na busca de religarem-se com o todo.

Assim, em princípios do século XX, a causa mais comum desses problemas era o que Sigmund Freud descreveu como a dificuldade em aceitar o lado instintivo e sexual da vida e o resultante conflito entre os impulsos sexuais e os tabus sociais.

May (2002, p.13) cita outros estudiosos como Otto Rank, ao afirmar que, as raízes dos problemas psicológicos da época (década de vinte), eram os sentimentos de inferioridade, incapacidade e culpa. Na década de trinta, o foco de conflito psicológico alterou-se novamente: o denominador comum era então, segundo Karen Horney, a hostilidade entre indivíduos e grupos, muitas vezes unida ao espírito competitivo.

As atitudes e o comportamento desse tipo são exemplos de como certas maneiras de agir tendem a cristalizar-se, rigidamente, numa sociedade pouco antes de entrarem em colapso. A sociedade contemporânea ainda não encontrou algo que substitua as rígidas regras impostas ao homem, em meio às exigências do mundo moderno, que envolvem o conceito de liberdade e responsabilidade, dentro do sistema de valores deste homem e da sociedade como um todo.

No ser humano, a sensação de vazio provém em geral da idéia de incapacidade para fazer algo de eficaz a respeito da própria vida e do mundo em que vivemos. É o resultado acumulado, a longo prazo, da convicção pessoal de ser incapaz de agir, dirigir a própria vida, modificar a atitude das pessoas em relação a si mesma, ou exercer influência sobre o mundo que o rodeia.

Embora, na polaridade que é peculiar ao ser humano, na maioria das vezes, a compreensão e o enfrentamento dos conflitos o faça agir de forma construtiva, de acordo com a situação que o momento requer. O homem precisa descobrir ou entender que é necessário aprender a sentir, a experimentar e a querer, mas também lutar contra o que o impede de sentir e querer (2002, p.98).

## DESENVOLVIMENTO

A partir da perspectiva de uma análise mais ampla, evidencia-se que o homem ocidental habituado a quatro séculos a enfatizar a racionalidade, a uniformidade e a mecânica, vem tentando, consistentemente, com pouco êxito, recalcar os aspectos que não se coadunam com esses padrões uniformes e mecânicos. O homem moderno tem negligenciado o seu desenvolvimento interior, procurando sempre outros seres humanos para a sua convivência.

Mas o autor chama a atenção que, por mais que se apóie no outro, o homem vazio não possui a base necessária para aprender a amar. Portanto, torna-se necessário reforçar a consciência de si mesmo, para encontrar forças integradoras que lhe permitam resistir, apesar dos problemas que o rodeia.

May (2002, p. 14) afirma que, na sua prática profissional, o problema fundamental do homem, em meados do século XX, é o vazio, ou seja, muita gente ignora o que quer como também não tem idéia do que sente. Isso acontece porque a pessoa sente dificuldade para tomar decisão. Torna-se evidente que seu verdadeiro problema é não ter uma experiência definida de seus próprios desejos e necessidades. Em geral, falam fluentemente, sobre o deveriam desejar e não o que realmente, desejam.

Sem dúvida, para May (2000, p. 10), os dilemas e os conflitos humanos podem resultar em bloqueio, impasse e num desenvolvimento excessivo e desvairado de um lado, para escapar

do outro. Daí os muitos distúrbios e problemas que trazem as pessoas às clínicas psicoterapêuticas. Mas, essa polaridade, também é a fonte de energia e da criatividade humana para o autoconhecimento dos cidadãos dos nossos dias. É do confrontar construtivo das tensões que estes paradoxos produzem que nós, seres humanos, construímos culturas e civilizações.

Na sua compreensão, precisamos enfrentar os conflitos da natureza humana, tomar como exemplo, a dimensão histórica de nós mesmos e dos seres humanos que estudamos, bem como a história da cultura na qual vivemos, nos movemos e existimos. A consciência humana e a experiência psicológica estão presentes em todos os períodos históricos. Trata-se da forma de o indivíduo vivenciar uma dificuldade particular para encontrar a si mesmo no mundo (2000, p.14).

Assim, Riesman, citado por May (2002, p. 19), facilita a compreensão dessa temática, ao salientar que as pessoas da nossa época são, em geral, caracterizadas por atitudes de passividade e apatia. Os jovens de hoje renunciam em grande parte à ambição de destacarem-se, de chegarem ao alto; caso tenham tais ambições, desculpam-se, pois herdaram dos pais. Desejam ser aceitos por seus iguais, mesmo ao custo de desaparecerem ou ficarem absorvidos pelo grupo.

Este autor destaca que o quadro mais nítido de uma vida vazia é o do homem suburbano (classe média), que estabelece para si uma rotina que se repete ao longo dos dias por décadas inteiras. Geralmente morre, tendo como causa hostilidade recalcada, ou seja, ele suspeita que morre mesmo é de tédio.

Para May (2002, p. 22), o ser humano não pode viver muito tempo no vácuo. Se não estiver evoluindo em direção a alguma coisa, acaba por estagnar-se; as potencialidades transformam-se em morbidez e desespero e eventualmente em atividades destrutivas.

Para esse psicólogo, hoje em dia, o vazio passou do tédio à sensação de inutilidade e desespero, que contém muitos perigos (o vício dos entorpecentes), e a sensação de vácuo, que observamos no nível social e individual, não deve ser tomada no sentido de que as pessoas são vazias, desprovidas de potencialidade emocional (2002, p.22).

Em relação à riqueza existencial da natureza humana, faz uma análise, considerando os contrastes aos quais estamos expostos. Assim, ele se expressa a respeito da

generosidade do ser humano e a suprema crueldade de que somos igualmente capazes; a capacidade admirável para a razão, mas, ela está sempre em perpétuo conflito com o nosso comportamento espantosamente irracional; a experiência da alegria e da criatividade num dia e, no dia seguinte, observamos que não diminuimos em nada a nossa propensão para o desespero e a frustração (MAY, 2000, p.9).

Vê-se assim que, conforme define May (2002, p. 39), a totalidade da experiência humana, especialmente, como se mostra nessas polaridades, o fato central é que vivemos um momento da história em que um tipo de vida se encontra em agonia, e outro começa a surgir, isto é, os valores e objetivos da sociedade ocidental se encontram em **estado de transição**. Cai por terra a crença no valor da competição individual, quando os progressos científicos nos tornavam mais interdependentes, como nação e também em relação ao resto do mundo.

O individualismo hoje precisa ser diferente do antigo. Este autor reconhece que o ser humano, ao contrário de uma pedra ou um composto químico, só pode realizar sua individualidade por meio de uma opção consciente e responsável, precisa tornar-se um indivíduo, tanto do ponto de vista físico, como moral e psicológico (2002, p. 99).

A luta do indivíduo, para obter seu próprio ganho, sem igual ênfase no bem-estar social, deixou de constituir automaticamente um bem para a comunidade. A outra crença da era moderna é a **fé no indivíduo** – que em tempos idos serviu de roteiro para o progresso da ciência

e os movimentos em prol da educação universal – era um desafio a toda pessoa inteligente o descobrimento dos princípios universais, segundo os quais todos os homens poderiam viver felizes. Na sua compreensão, afirma que

a competição individual e a razão, vêm na verdade orientando a evolução do homem ocidental, mas não são obrigatoriamente os valores ideais. O resultado é que os valores e as metas que forneciam uma força integradora nos séculos anteriores à era moderna deixaram de ser convincentes. E, ainda não encontramos o nosso eixo que nos possibilitará a escolha eficaz de nossas metas, vencendo assim, a penosa confusão e ansiedade de não saber para onde nos voltarmos (MAY, 2002, p.42).

A partir do princípio de que a evolução do ser humano é um processo de diferenciação, partindo da “massa” para a liberdade individual, afirma que este processo de tornar-se um indivíduo, prossegue através de uma infinidade de etapas,

a emergência da autoconsciência, com os primeiros rendimentos da responsabilidade e da liberdade, o movimento para fora do âmbito doméstico, ao ingressar na escola, a maturação como indivíduo sexual na puberdade, as lutas ao partir para universidade e fazer a escolha vocacional, ao assumir a responsabilidade de uma família pelo casamento (MAY, 2002, p.99).

Durante toda a vida, a pessoa empenha-se nesta contínua diferenciação entre ela própria e o todo, seguida de passos para uma nova integração e, eventualmente, o relacionamento com os semelhantes em plano mais elevado.

Na sua abordagem, May (2002, p. 22) nos fala que, quando alguém, continuamente defronta-se com um perigo que é incapaz de vencer, sua linha final de defesa é evitar a sensação de perigo. Sobre essa sua afirmação, comenta que Erick Fromm observou que as pessoas deixaram de viver sob a autoridade da igreja ou das leis morais, mas submetem-se a “autoridades anônimas”, como a opinião pública.

Para ele a autoridade é o próprio público, mas esse público é uma simples reunião de indivíduos, cada qual, com seu “radar” ligado, para descobrir o que os outros dele esperam. Trata-se de uma autoridade anônima, composta por nós mesmos, mas desprovida de centros individuais. No final, o que tememos é o nosso vazio coletivo.

Além do nosso vazio coletivo que tememos, outra característica do homem moderno é a solidão. May (2002, p. 23) define que a solidão é uma ameaça não violenta e penosa para muitos, que não possuem a concepção dos valores positivos do isolamento e até se assustam com a possibilidade de ficar a sós. A sensação de vazio e a solidão andam juntas, portanto são duas fases da mesma experiência básica da ansiedade.

Para esse psicólogo, a ansiedade, outra característica do homem moderno, é ainda mais fundamental que o vácuo e a solidão. Na verdade, a expressão “era de ansiedade” já é quase um lugar comum. Estamos acostumados a viver em estado de semi-ansiedade. Este autor afirma que viveremos entre revoluções, choques, guerras e boatos de guerras durante as próximas duas ou três décadas (2002, p. 30).

O desafio à pessoa de “imaginação e entendimento” é enfrentar abertamente tais transformações e verificar, se graças à coragem e à compreensão, poderá usar de maneira construtiva, a sua ansiedade. A sociedade dá muito valor à aceitação social. Esta é a nossa melhor maneira de afastar a ansiedade e principal símbolo de prestígio (2002, p.22).

No nosso tempo, a ansiedade e a sucessão de desastres econômicos e políticos, que têm ocorrido, são sintomas da mesma causa subjacente, isto é, as traumáticas mudanças ocorridas na

sociedade ocidental. E, quando um indivíduo sofre ansiedade durante um longo período de tempo, fica com o corpo vulnerável a doenças psicossomáticas. Quando um grupo sofre contínua ansiedade, sem tomar medidas eficazes, seus membros, mais cedo ou mais tarde, voltam-se uns contra os outros.

## CONCLUSÃO

Para May, embora a década de vinte fosse aparentemente um período em que os homens tinham confiança no poder das pessoas, na verdade foi justamente o oposto: confiava-se na técnica e nos instrumentos e não no ser humano. A visão ultra-simplificada e mecânica manifestava uma falta oculta de fé na dignidade, complexidade e liberdade da pessoa humana.

Nas duas décadas seguintes, a descrença no poder e na dignidade humana tornou-se mais abertamente aceita, pois surgiram provas concretas de que o indivíduo era insignificante, a decisão pessoal não tinha importância. Face aos movimentos totalitários e às descontroladas agitações econômicas, como a grande depressão, a tendência era sentir-se cada vez menor, como pessoa.

May afirma que o autoritarismo na religião e na ciência, para não se falar da política, está se tornando cada vez mais aceito, não porque tantos neles acreditam explicitamente, mas, porque se sentem, individualmente, incapazes e ansiosos. O que ficou esquecido foi a perda da fé na dignidade da pessoa, que é, em parte, a causa desses movimentos sociais e políticos das massas.

Precisamos, então, lutar em duas frentes – combater o totalitarismo e as outras tendências para a desumanização da pessoa e recuperar a experiência e a fé no valor e na dignidade da pessoa humana.

Tal pensamento nos encaminha para outro exemplo. May afirma que o **senso** está se desintegrando em nosso tempo entre as pessoas, é a atitude geral em relação ao humor e ao riso, uma expressão da capacidade humana singular de sentirem-se indivíduos, não absorvidos pela situação objetiva. Então, o senso de humor é a maneira saudável de estabelecer uma distância entre nós e o problema, um modo de afastar-se e considerá-lo com certa perspectiva.

Nesse sentido, May considera que possuímos um excelente vocabulário para assuntos técnicos (Erick Fromm), mas, quando se trata de um interrelacionamento pessoal, significativo, nossa linguagem torna-se pobre. A perda de eficácia da linguagem, por estranho que pareça, é sintoma de uma época histórica conturbada.

Assim, para que o homem se torne consciente de si mesmo como pessoa, é necessário uma característica que lhe é singular – a autoconsciência, ou seja, esta capacidade para ver-se do exterior – é a característica distintiva do homem. Mas, na verdade, a autoconsciência é a origem das mais altas qualidades humanas.

Nesse sentido, o homem é capaz de sair de si mesmo e contemplar sua história, influenciando seu desenvolvimento como pessoa e, em menor extensão, a marcha dos acontecimentos em seu país e na sociedade, como um todo. A experiência humana vai além dos nossos métodos particulares de entendê-la. E a melhor maneira de compreender a própria identidade é examinar a experiência pessoal.

Em relação à experiência pessoal, a ansiedade pode assumir todas as formas e intensidades, pois é a **reação** básica do ser humano a um perigo que ameaça a sua existência. É a **qualidade** e não a **quantidade** de uma experiência que determina a ansiedade.

Da sociedade ao indivíduo, entendemos que tornar-se pessoa significa passar por vários estágios (etapas) de consciência de si mesmo, buscando ampliar a percepção de si e do mundo. Nesse contexto, deve-se buscar também liberdade, ou seja, a disposição de evoluir, ser flexível, pronto para mudar, em vista dos mais importantes valores humanos.

Na minha compreensão, registra-se, atualmente, uma tendência a uniformizar comportamentos e padrões, parece-me, que com a finalidade de fortalecer a identidade do indivíduo, o que favorece a sua adaptação às mudanças sociais e culturais.

Nesse sentido, a sociedade da era pós-moderna busca melhorias para a sua qualidade de vida, às quais incorporam as novas dimensões do direito à educação, ao conhecimento e ao processo do desenvolvimento humano.

Concluindo, diz o autor, a liberdade é a capacidade de o homem contribuir para a sua própria evolução. É um outro aspecto da autoconsciência, pois a liberdade jamais ocorre num vazio. Assim, a liberdade, a responsabilidade, a coragem, o amor e a integridade são as qualidades ideais, nunca perfeitamente realizadas por ninguém, mas constituindo as metas psicológicas que dão significado ao nosso movimento para a integração.

## REFERÊNCIAS

MAY, Rollo. *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *A psicologia e o dilema humano*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.